

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 193 JANEIRO A MARÇO 2019

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira
UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1650 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL



MOÇAMBIQUE

APELO À SOLIDARIEDADE

Há um ano atrás, no encontro da Torre d'Aguilha, em 8 de abril, Domingo de Pascoela, falava-nos o P. Tony Neves, o Superior Provincial de então, da sua visita aos missionários espiritanos que "trabalhavam" em Moçambique: Itoculo/Nampula, a norte, e no centro do país: Manica/Chimoio e Sofala/Beira. Era por demais evidente o seu entusiasmo e alegria vivida nessas paragens, no contacto com as pessoas e pela vivência da/na Fé desse mesmo povo, feliz à sua maneira.

Essa felicidade e alegria de viver, de repente abaladas à passagem do ciclone que varreu por completo parte desse território com particular incidência sobre a cidade da Beira, como consequência dos maus tratos infligidos pela humanidade na própria casa, o planeta Terra.

Escutemos o apelo que o P. Pedro Fernandes, Provincial dos Espiritanos, na Newsletter da Família Espiritana, de 21 de março, endereçada à boa vontade de cada um de nós:

"Os últimos dias têm sido marcados por notícias aflitivas vindas de Moçambique. Vivi e trabalhei neste país durante bastantes anos, provavelmente os melhores da minha vida. Ver o sofrimento extremo em que, inesperadamente, se viu mergulhado o "meu povo" é-me particularmente doloroso.

Dos meus confrades a trabalhar no país, as notícias são angustiantes. Em contacto telefónico frequente com o P. Alberto Tchindemba, superior do grupo espiritano de Moçambique, soube da situação em que ficou a casa de formação que os espiritanos têm na cidade da Beira: severos danos, materiais valiosos destruídos, construções

(Continua na pág. seguinte) >

MAGNA - FRAIÃO 16. JUNHO. 2019

CONTAMOS COM A PRESENÇA DE MUITOS ASES

Programa:

9H00 - Acolhimento aos ASES
10H00 - Assembleia-geral
12H00 - Celebração da Eucaristia
13H00 - Almoço Convívio - Confraternização

Como compreenderás, a UNIASES necessita, por questões de logística, da **confirmação** da tua presença e familiares.

Esta confirmação poderá ser feita, até ao **dia 10 de junho**, para:

ases@portugalmail.pt | cunhapintobraga@sapo.pt

Por SMS ou Tel.: Francisco Pinto - 91 944 19 70
Alberto Melo - 969 690 551 / 214 445 827

**Nota: O almoço será pago no dia (à volta dos 20 €)
(crianças de 3 a 10 anos - 10 €)
Quem não reservar poderá não ter refeição...**

A Direção

FÁTIMA

**PEREGRINAÇÃO DA FAMÍLIA ESPIRITANA
6 - 7 DE JULHO DE 2019**

Uma manifestação de fé e da grandeza da nossa família.

Momentos altos:

Sábado: 16H30 – Concentração

À noite – Terço e Vigília Missionária

Domingo: 11H00 – Eucaristia

Convidamos todos os ASES a estarem presentes.

OUTUBRO DE 2019

**Comemoração das Bodas de Ouro
1969 – 2019**

**Comemoração das Bodas de Prata
1994 – 2019**

Sábado 5 - GODIM

Sábado 19 - VIANA DO CASTELO

>novas muito danificadas. Sem comida, sem água potável, sem eletricidade. Como a nossa casa era, apesar de tudo, uma das construções mais seguras daquela área, muitas pessoas vieram ali refugiar-se da fúria do ciclone e ali têm estado abrigadas, depois de verem destruídas as suas casas, os seus mantimentos, os seus bens. A comida que havia na casa dos espiritanos foi repartida pelos novos ocupantes: assim se concretiza uma vocação primeira dos missionários, que é participar do destino do seu povo. Os meus confrades que estão noutras missões de Moçambique tentam fazer chegar à região comida e outras ajudas, mas para já tudo está cercado pela água e os acessos são quase impossíveis. Os preços da comida dispararam, ao sabor da sofreguidão egoísta daqueles que querem ganhar dinheiro com a desgraça dos pobres.

A situação atual é catastrófica, mas as perspetivas imedia-

tas são talvez ainda piores: fome, pelos campos destruídos e pela especulação no comércio alimentar; falta de água potável, pelo excesso de águas barrentas, arrastando cadáveres e detritos; doenças, como a malária e a cólera, poderão proliferar... Na nossa missão da Beira, a igreja perdeu o telhado e ficou terrivelmente destruída; no seu interior, permaneceu de pé, intocada pela desgraça, a imagem de Nossa Senhora, recordando à comunidade que Deus não se ausentou... Muitos nos perguntam se e como podem ajudar. Quem me conhece mais de perto, sabe que pedir dinheiro não é muito a minha especialidade. Mas, desta vez, ousou pedi-lo abertamente: a quem puder ajudar, este povo agradece. Os missionários agradecem. A todos e todas: bem hajam! Rezemos por estes irmãos e irmãs, cujo sofrimento também tem que ser nosso."

Alberto Melo

AJUDE MOÇAMBIQUE

IBAN PT 50 0010 0000 1394 2610 0017 7
(CONGREGAÇÃO ESPÍRITO SANTO)

Vamos ajudar os **Missionários Espiritanos nas suas obras e Missão em terras de MOÇAMBIQUE** com depósitos na conta em Portugal da Procuradoria Espiritana das Missões que se encarregará de fazer chegar ao destino os donativos.

Para obter recibo fiscal enviar comprovativo com nome, morada, NIF e indicação de procedência ASES para:

procuradoriacssp@gmail.com

1. NOTÍCIAS BREVES

Alberto Melo - Godim 1955

PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os Jovens Sem Fronteiras estão a organizar uma peregrinação a pé a Santiago de Compostela, entre os dias **8 e 13 de julho** deste ano. É uma peregrinação preparada para Jovens Sem Fronteiras, mas está aberta também à participação de outros membros da Família Espiritana.

O percurso será de cerca de 145km, dividido em seis etapas. Para além da preparação espiritual, recomenda-se uma preparação física prévia. Atenção ao equipamento e calçado adequado a usar na caminhada.

POR MARES DANTES NAVEGADOS – ANGOLA

Organizado pela UASP (União das Associações dos Antigos Alunos dos Seminários Portugueses) irá completar-se, com um segundo grupo, a 5ª Etapa, de 8 a 20 de julho, que tem como destino Angola.

Constituiu um êxito a viagem realizada de 14 a 26 de janeiro com primeiro grupo.

Relembramos que este projeto nasceu no contexto do Ano da Fé e está ancorado no facto de muitos dos antigos alunos dos nossos Seminários, sobretudo das Ordens Religiosas, terem no horizonte da sua formação os então chamados "países de missão".

Pela quinta vez, a UASP avança um pouco mais no seu objetivo de criar pontes e proporcionar encontro e partilha no espaço lusófono, tendo como ponto de referência a fé que nos une. A Vª Etapa do projeto "Por mares dantes navegados", com destino a Angola, foi sendo preparada ao longo do ano 2018, em coordenação com Luís Matias (ASD Leiria) e Pe. David Noguei-

ra (diocese de Leiria-Fátima), responsável da Missão do Gungo, diocese do Sumbe.

Devido às limitações logísticas no terreno, a participação foi restringida a dois grupos de 12 pessoas cada, que irão ter contacto direto com o trabalho pastoral, social e cultural que a geminação da diocese Leiria-Fátima desenvolve nas montanhas do Gungo, mas também visitarão, nas redondezas, lugares históricos e as suas belezas naturais de maior interesse.

O alojamento será nas instalações da Missão do Gungo e a alimentação da sua responsabilidade.

ALMOÇOS MENSAIS

Tanto a Sul – Lisboa - como a Norte – Porto -, continuam a realizar-se os almoços de periodicidade mensal contando com a presença de alguns Antigos Alunos residentes e "disponíveis" nessas áreas. Pena que sejam quase sempre os mesmos.

Em espaços ora circunspetos ora mais barulhentos têm o condão de alimentar conversas/tertúlias que abordam os mais diversos temas, desde os mais propalados no dia-a-dia dos noticiários, tais como a chaga da violência doméstica, o assédio sexual no seio da "Igreja" na pessoa de seus ministros e consagrados, ou numa retrospectiva temporal que nos atira para os tempos passados no seminário que alguns recordam, companheiros e vivências dos tempos da juventude. Veja-se, por exemplo, a crónica do João Azevedo estampada no presente Boletim sobre "Os ASES das Távolas Redondas. À semelhança, outras, ficcionadas ou historiadadas, poderão de aí surgir, bastando, para tal, corresponder à chamada dos organizadores.

2. NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

Da documentação e notícias recebidas e enviadas pela Secretaria, com a chancela do Rev.do. P. Provincial (P. Pedro Fernandes), respigamos:

OBRAS E ECONOMIA

Em reunião do Conselho Provincial realizado na Torre d'Aguilha nos dias 14 e 15 de janeiro passado, o conselho teve a oportunidade de tomar contacto mais próximo com os projetos de remodelação que estão em processo no Fraião, na Torre d'Aguilha e, proximamente, em Viana.

O ecónomo provincial apresentou detalhadamente a situação de cada um: no Fraião, está em construção a nova lavanderia e continuam as obras no pavilhão sul, na intenção de ali ser aberto um espaço de alojamento sénior, na área da saúde e hotelaria.

Na Torre d'Aguilha, vai arrancar a última fase da grande obra de redimensionamento da casa: será arrendado o último piso do "martelo", (edifício virado a nascente) construídos novos quartos sobre o grande auditório e sobre o que foi o espaço da rádio, será preparado um novo espaço para a biblioteca (no último piso do auditório, servido por elevador) e será melhor diferenciado o espaço que é reservado à comunidade espiritana do espaço disponível para o centro de acolhimento.

Quanto a Viana, está avançado o diálogo com o ministério da saúde e com uma entidade privada no sentido de arrendar a casa para uma unidade de cuidados continuados assim como, no exterior, um espaço de estacionamento ao serviço do hospital.

BIBLIOTECAS

Está em estudo uma possibilidade de reestruturação das bibliotecas: cumprindo o que é pedido no PMG, (Plano Missionário Global) deixar em cada comunidade uma pequena biblioteca de utilização funcional e reorganizar uma ou duas grandes bibliotecas centrais (talvez em Lisboa e na Torre d'Aguilha).

Será necessário fazer uma enorme depuração em todo o acervo, distinguindo os livros para dar ou emprestar a outras bibliotecas; os livros que serão para manter e os livros para deitar fora (vender a peso).

Num primeiro momento, será preciso dispor de alguém na congregação que possa fazer uma primeira triagem e, a seguir, há que contratar um técnico especializado para organi-

zar e catalogar o pequeno resto que se queira manter. Dada a complexidade deste trabalho, teremos ainda que o definir melhor, começando para já por consultar especialistas que nos ajudem a por de pé um programa de execução.

NOVAS EQUIPAS E NOMEAÇÕES

Em consequência com o que pede o PMG, foram nomeados dois novos conselhos:

Conselho económico: PP. José de Sousa (coordenador), Victor Silva, Nuno Rodrigues e Victor Ferros

Conselho fiscal: P. Tiago Barbosa (coordenador), P. Casimiro de Oliveira e dois leigos ainda a contactar.

Na área editorial, foram compostas duas equipas de trabalho: **Equipa de publicações:** terá como tarefa a leitura e apreciação de trabalhos escritos de espiritanos ou de outros que nos apresentem textos para publicar. Caso o parecer seja positivo, poder-se-á então submeter à editorial LIAM a proposta de publicação. Esta equipa será constituída pelos PP. Tony Neves, João Mónico e pelos leigos Joana Cruz e Hugo Rodrigues.

Equipa editorial da revista Missão Espiritana: PP. Eduardo Miranda (coordenador), Tony Neves, Victor Silva e André Azevedo; os leigos António Galvão e Paula Silvestre.

P. Manuel João Magalhães Fernandes para a comunidade do Porto, para um mandato de três anos, a partir de 15 de abril de 2019.

CENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DA PROVÍNCIA

Neste ano de 2019, assinala-se o centenário da restauração da província. A efeméride será celebrada, não com grandes celebrações, mas com apontamentos, pequenas ações, para nos ajudarem a refletir sobre estes cem anos e sobre o legado dos grandes espiritanos que construíram a província portuguesa tal como a temos hoje. Para nos ajudar a assinalar esta efeméride, será constituída uma pequena equipa de trabalho.

NOVICIADO DE CHEVILLY

Em reunião de provinciais de 25 de janeiro foi decidido o fechamento do noviciado europeu em Chevilly-Larue. A falta de candidatos oriundos da Europa a isso obrigou. Doravante procurar-se-ão, após reflexão, sobre possíveis soluções de noviciado para os possíveis candidatos que venham a ser recebidos.

COLABORAÇÃO COM O CEPAC NIF 503 007 676

UMA AJUDA QUE NÃO CUSTA NADA E SEM CUSTOS PARA O CONTRIBUINTE.

Sabia que pode contribuir para a acção e obra do Centro Padre Alves Correia (CEPAC) com o seu IRS sem pagar mais por isso? O Estado permite que 0,5% do(s) seu(s) imposto(s) liquidado(s) reverta(m) directamente a favor de uma Instituição de Utilidade Pública que prossiga fins de beneficência e sem fins lucrativos, como é o caso do CEPAC, consignando 0,5% do seu IRS.

Para tal, basta que assinale no Modelo 3, **Rosto, Quadro 11**, as suas opções e selecione o **Campo 1101** com o NIF **503 007 676**

ENCONTRO DOS ASES DO MINHO

SEMINÁRIO DA SILVA, 9 FEV. 2019

Zé Mário, Viana 1971



Mais uma vez, a delegação do Minho dos ASES levou a efeito um fraternal encontro, que serviu, entre outras coisas, para matar saudades e colocar a conversa em dia. Desta vez, éramos trinta. Um grupo considerável e interessante. O Programa seguiu o que é tradicional e usual em encontros anteriores: concentração, pequeno lanche matinal, apresentação acerca da celebração dos "150 anos de Missão", seguiu-se a Santa Missa, a foto de grupo para mais tarde recordar e o almoço.

No fim do almoço, café e digestivo, o devido pagamento de quotas e um passeio higiénico pela mata e parte da quinta, que serviu para acelerar o processo digestivo e constatar as últimas alterações paisagísticas e arquitectónicas a que o Seminário foi submetido. Alguma surpresa no lanche matinal com que foram os convivas surpreendidos, pela presença de um novo cozinheiro e não pela cozinheira que nos era habitual e familiar. Ficamos também a saber que o Sr Padre Martins havia sido deslocado para o Fraião-Braga e que havia sido nomeado um gestor, exterior à congregação, com o objectivo de serem as magníficas instalações rentabilizadas ao serem disponibilizadas a eventuais interessados para encontros, seminários, retiros espirituais, reuniões de trabalho de empresas, enfim, tudo o possa gerar algum retorno financeiro e simultaneamente dar uso a tão magníficas condições. Parte das alterações arquitectónicas que deixei atrás referido tiveram exactamente o



objectivo de apropriar ainda mais, dotando as instalações de condições de excelência para receber eventos do tipo atrás referidos. A título de exemplo, referir que foi dotado o edifício e jardim interior com rampas de acesso para deficientes, uma alteração pertinente e muito bem pensada, na minha modesta opinião.

Na apresentação muito interessante e bem conduzida pelo Sr Padre Eduardo Miranda, com recurso às novas tecnologias de informação, tornaram a prelecção apelativa e elucidativa. Foi abordada a história da nossa Congregação em Portugal e pelo Mundo. Foi motivo de satisfação da plateia e curioso constatar que os Missionários espiritanos continuam a espalhar-se pelo globo, estando agora a chegar a países tão longínquos quanto o Vietname, Taiwan, Filipinas, Papua-Nova Guiné e a Austrália. Haja coragem e vontade que Deus ajude.

A Missa foi celebrada pelo Sr. Padre Eduardo Miranda e teve a concelebração do Sr. Padre Ernesto Neiva e abrihantada por todos nós, que constituímos um Grupo Coral de última hora, com um ensaio para coordenar e relembrar os cânticos do dia, feito já com o comboio em andamento, ou seja, enquanto o celebrante se paramentava. Mas correu bem o desempenho. No final da Missa, foi disponibilizada e distribuída aos presentes uma brochura, que aborda os "150 anos de Missão" e a história da Congregação em Portugal. Interessante.

Ao almoço foi servida uma lauta Feijoada à Transmontana, que foi do agrado de todos pela qualidade e quantidade. Ao que se seguiu a sobremesa, rica na possibilidade de escolha, desde pão-de-ló a doces variados e à fruta da época. Tudo a preceito, parabéns ao cozinheiro e organizadores. Para o ano lá estaremos novamente.

LAMPREIADA - MELRES 2019

Américo Cita, Godim 1963



**Seja branco, seja tinto
Não importa a cor que tem.
Ao bebê-lo nesta casa,
Todo ele sabe bem...**
(Ditado popular)

**Sardinha, petinga ou lampreia,
Em arroz ou à bordalesa,
Com o apetite dos ASES
Limpa-se tudo da mesa**
(Américo Cita)

Já não é necessário GPS. Basta referir 'lampreitada' e o carro já sabe o caminho para o Luciano.

No passado, com receio de entretanto a comida acabar, era sempre dos primeiros a chegar. Agora, armado em importante ou qual noiva para o altar, vou retardando a viagem, ponto morto nas descidas, temos tempo.

Algumas (bastantes) caras novas, reforços de última hora, outras já da velha guarda, conhecedores dos locais na mesa onde mais rapidamente são atendidos, onde o sol de Inverno vai aquecer as costas e até os lesionados (de bengala ou braço ao peito) não faltaram.

A mesa original alargou bastante em relação a anos anteriores. Já vai de ponta a ponta do salão, com ramais em ambos os topos e soube que à última hora tivemos alguns desistentes, certamente impossibilitados por outros compromissos. Quero crer que nos próximos anos vamos ocupar totalmente a sala, pois, felizmente, cada vez somos mais. Esperto, como sempre, estudei lugar ideal para não ser surpreendido por algum mais comedor/bebedor e voilá: o Rodrigues Ferreira, de braço ao peito, não me vai atrapalhar. (Já agora – rápidas melhoras, pois o porta-estandarte não deve/pode estar magoado no braço). Mas, azar o meu, cadeiras à sua volta já ocupadas.

Tudo bem. É aqui mesmo nesta esquina!

Tudo e todos a postos para a partida. Como usual, começa-se pelas entradas (presunto, salpicão, moelas. Luciano, não estavam picantes??? A primeira

jarra de verde tinto já se foi), azeitonas e broa. Só mesmo para enganar o estômago, pois a rapaziada sabe que o melhor está para vir. Bases de cortiça (obrigado, Cita) e lá vêm as panelas ainda a ferver.

Dois tocos de lampreia, deliciosa, condimentada e cozida QB, o arroz escuro a espalhar-se pelo prato! Diria tudo mais que nos conformes.

Repete-se? Por que não?! Dias não são dias, e para quem adiou a dieta durante longos anos, pode prorrogar por mais uns dias. Basta! Venha a sobremesa. O quê? Começam a descarregar as travessas com outros toros de lampreia e umas tostinhas a nadar no molho. Terrei que arranjar espaço estomacal para mais umas garfadas. Temos que provar de tudo.

Esqueci! Alguns (poucos) não apreciadores da lampreia atiram-se ao bacalhau à Braga ou ao costeletão de vitela Cachena ou Alvarenga.

Pudim Abade de Priscos, tartes e tortas, fruta, gelado, café e bagaço para ajudar a digestão.

E tudo isto pela módica quantia de € 28,00!!! Nem queria acreditar. Julguei que alguém se enganara na conta, ou então fizeram-me um desconto, algo que já merecia.

É tempo do usual convívio, arrumar as conversas, deixar o Cunha Pinto encostar o livro dos recibos onde actualiza todos os calotes nas quotas e com a sua Cannon já do século passado registar em foto este convívio que nos permite comungar o espírito de união que nos foi inculcido no seminário, mesmo que à

volta da mesa, como muito bem 'facebookeou' o José Ferraz.

Mas não posso terminar sem enaltecer quem nos permite tudo isto:

- O Prof. Manuel Lopes, que organiza e supervisiona com seus olhos de lince para ver se algo está a faltar nas mesas, como ninguém, certamente ajudado pela Fernanda e a Catarina, minha assistente pessoal na distribuição dos 'recuerdos de corcho'. Como sempre, tudo excelente.
- O Luciano e sua equipa de colaboradores pela confecção da ementa, abundância, serventia e simpatia demonstrada por e para todos.
- Aos ASES pela boa disposição. Passámos todos um bom bocado e na certeza de que para o ano cá regressaremos.

PS: De lamentar a falha do Timóteo: este ano não nos presenteou com um / dois copos da sua colheita! Erro grave! Mas prometeu duplicar em 2020.

Nota da redacção: O Timóteo esqueceu aquele vinho verde branco da sua colheita, mas o Américo não esqueceu os "recuerdos" que encantaram senhoras, cavalheiros e meninos! Para ele, o nosso obrigado.



LAMPREIA NAS MARGENS DO TEJO

A. Ribeiro - Godim 1955



Na pequena notícia sobre o encontro/convívio em torno da lampreia e quejandos, realizado na ribatejana Vila Franca de Xira, em março de 2018, profetizara o articulista o regresso às origens no ano seguinte (Vide UNIASES nº 189, janeiro a março de 2019, pág. 4) para a realização da “lampreia”, assim chamada ao convívio e sazonal degustação culinária daquele ciclóstomo, promovida pelo Núcleo de Lisboa.

A ideia, gerada pelas circunstâncias, foi bem acolhida pelos comensais de então, mas, aos poucos, abafada na bruma e diluída pela incómoda chuva miudinha que se abatera naquele dia e naquele local. Durante meses... a sonolência, quando não o esquecimento. Num dos almoços mensais, na zona da capital, o assunto viria à tona, sendo fixada a data do evento para o dia 16 de março, a coincidir, aliás, com uma atividade calendarizada com o aval e beneplácito da Direção, conforme programa para 2019 (ver UNIASES nº 190, abril a junho de 2018, pág. 3 e 4).

Na data apazada, concentrada estava a comitiva junto ao *Radisson Hotel*, ao Campo Grande. Os cumprimentos e saudações da praxe entre conversas de ocasião. Pelas 12:00h, a caravana fez-se à A1 em direção ao Carregado, misturando-se no turbilhão do trânsito naquela primaveril manhã de sábado. Um desvio à direita, na aproximação à Azambuja, conduz-nos durante uma dezena de quilómetros pela estrada da lezíria ornamentada com flores de plantas silvestres onde predominava o amarelo bem casado com o roxo. Lindo



dia de sol a convidar para animada confraternização à beira-Tejo.

Na estrada, eis que surge a indicação de Lezirão/Porto da Palha (Aldeia Avieira), o destino da caravana automóvel que havia saído de Lisboa. Um primeiro contacto com a comunidade piscatória dos avieiros da localidade, que já preparavam o pitéu que serviria de nosso almoço.

Oriundos de Vieira de Leiria, Aveiro (Murto e Ovar), os avieiros, na tentativa de encontrar melhores condições de vida, deslocaram-se para o Ribatejo como mão-de-obra nas fainas campestinas do estio e outonais, findas as quais, dedicavam-se à pesca abundante nas águas do Tejo para seu sustento. Fixaram-se nas margens do grande rio e dos seus barcos (bateiras) fizeram residência, mais tarde construíram as famosas palafitas, casas de madeira sobre a margem do rio suportadas e ancoradas em estacas com o intuito de não serem levadas pelas enxurradas e correntes. Hoje em dia, apenas reminiscências a dar conta de uma cultura que chamavam de “avieira”, adaptada agora nas pequenas e coloridas casas cons-



truídas. A tradição já não é o que era... As águas do rio estão calmas no seu leito, quase paradas, um autêntico espelho a refletir a claridade e o azul celeste debruado a verde nos seus contornos; à nossa frente, a extremidade do mouchão que se estende rio acima desde a Casa Branca, uma ilha de verdura que serve de abrigo a espécies de aves que em bandos guiados se passeiam na travessia do rio; noutras ocasiões ali se viam cavalos, dizem que “lusitanos”, da Coudelaria de Alter, ora descansando ora pastando.

Apreciada a bela panorâmica envolvente era preciso despertar do enlevo da sua contemplação poética fazendo descer à mesa, sobre a qual se estendia o repasto preparado, a começar pela peixada frita acompanhada de pão regional, azeitonas e vinho do tinto. Este, de Alpiarça, de elevado teor do etílico, foi trocado por outro idêntico na cor da Adega Cooperativa de Vila Real, mas menos graduado. Havia a viagem de regresso e não fosse o diabo tecê-las... bebeu-se com moderação. A organização prevenira-se numa jogada de antecipação; o Miquelino, defendendo as

tradições do Minho, sacou de uma garrafa de verde tinto de Ponta da Barca. Em quantidade foi bem servido o aperitivo/entrada/ composto por uma fritada de peixe do rio: sável, barbo, alguma saboga e muita fataça, nome dado no ribatejo à tainha, não das docas, mas das águas limpas do Tejo aqui mesmo a nossos pés.

A lampreia, que até aqui (Porto da Palha) nos trouxe, vinha sendo assada ali mesmo ao lado. Estranho, mas característico; na casa do pescador assim é confeccionada. Enquanto isso, o arroz era preparado e cozinhado com sangue e ovas da mesma por gentes (mulheres) de descendência avieira.

Havia quem torcesse o nariz à aproximação do petisco, sendo minorado o mal com uma fritada de enguias. Em constante corrupio o mestre pescador esfalfava-se para que nada faltasse sobre a mesa. Repetiu-se até mais não se querer.

Mas isto já não é o que em tempos fora. Quem esperava pelo arroz de feijoca a acompanhar as enguias, saiu defraudado. Foi para esquecer e com pouca vontade de tornar a cair no engodo.

Já quem optou pelo arroz de lampreia acompanhado dela grelhada, louvou e ficou satisfeito. Que o digam os que pela primeira vez ali haviam caído.

Animação mais do que muita, alegria a rodos, ar de satisfação, amena cavaqueira entrecortada por alguma piada mais picante. Reparei que o Matos Victorino concentrava as atenções...Para acalmar: laranjas e salada de frutas correram pelas mesas.

Juntaram-se os bolos, obra do Macedo e da Isabel, todos eles ótimos, foram distribuídos e abafados por reserva de vinho do Porto e por um fino do lavrador por benesse do Cardoso Veiga. Cantaram-se os parabéns, sendo saudado o organizador que havia feito anos dois dias antes. Um bolo de aniversário com velas a preceito, contributo do casal Maria do Carmo/Boanerges. Raposeira a selar tal manifestação. Ficou surpreendido o homenageado/aniversariante que não contava com tamanha prova de carinho que se esqueceu até de agradecer o gesto. Mais tarde, segredou-me ao ouvido as desculpas por irrefletido comportamento, acalmando-me com o perdão dos generosos com-

panheiros. Estava mesmo apanhado. Bem comidos e bebidos q.b., ou seja, sóbrios, não fosse o balão fazer uma espera no caminho de volta, regressamos às margens do pachorrento Tejo para nova vista. Uma descida até às barricas de plástico onde o pescador encerra vivo o tesouro que, diariamente, na faina piscatória, traz das redes lançadas à água: a lampreia. Sempre viva e fresca para satisfazer o apetite de apreciadores e gulosos.

Fotografia da praxe, com o grupo parcialmente embarcado no "Porta-voz dos Avieiros", como monumento sobranceiro ao Tejo de uma cultura que importa fazer ressurgir.

Despedidas e debandada generalizada ao cair da tarde de um dia realmente bem passado.

Nota da Redação: para quem desejar consultar as reportagens fotográficas do evento aqui deixamos os seus endereços eletrônicos:

<https://photos.app.goo.gl/CHT4xNbu32rtxxkb8>

<https://photos.app.goo.gl/NH4EyjM-giH7W6uLTA>

O P. GUEDES CONTINUA ENTRE NÓS... TESTEMUNHOS

Carlos Fernandes Maia (Viana 1962)

Não poderei estar presente nas exéquias por compromissos familiares.

Mas não queria de deixar expressa a minha gratidão ao professor de português de Viana do Castelo (62 e 63). Não aprendi muito por falta de capacidade minha; mas o gosto que mantenho de olhar de modo diferente para as pequenas coisas e acontecimentos do dia-a-dia e a ver neles motivo de reflexão e de tradução literária veio-me dele.

Era um homem grande, sobretudo comparado com a nossa estatura de 12/13 anos. Mas era mais que isso: era mesmo um grande homem. Nos, embora poucos, encontros que tive com ele na cidade de Braga ou mesmo no Fraião, passei também a admirar a sua serenidade e profundidade de olhar. Que Deus lhe dê um lugar poético!

António Manuel Durães Barbosa (Viana 1967)

Recordo-o como um bom professor de Português e História, em Viana e Braga respetivamente e, fundamentalmente, um bom educador. Assistia regularmente à missa no Sameiro celebrada pelo P. Guedes. Sempre o considerei um bom comunicador.

Nos vários sermões que presenciei nas festas populares nas redondezas de Braga, que o Pe. Guedes por vezes pregava, sempre o achei muito incisivo nas críticas à sociedade.

Certamente o Senhor já o acolheu no seu seio. As minhas condolências à família e à família Espiritana.

Adélio Barbosa Miranda (Viana 1968)

Lamento o sucedido. O Sr. Padre Guedes foi um dos meus grandes MESTRES. Não estarei presente em corpo, mas estarei em espírito. Abraço e Saudações Espiritanas.

Joaquim José Azevedo Moreira (Silva 1955)

Ainda há dois ou três dias, pensava naquela visão que parecia eterna de um padre Guedes que, ano após ano, passava por todas e cada uma das mesas do nosso almoço anual, quando era num dos barracões do Fraião. A eternidade agora é outra, ligeiramente diferente, para mim a mesma enquanto por cá andar. Uma pena. Mas que se há-de fazer? Com certeza festejar a vida, sobretudo quando se acha que ela merece ser eterna.

Alberto Melo (Godim 1955)

Foi meu professor de História nos meus tempos de aluno no Fraião (1957 a 1962). Sempre bem preparado, indo mais além da letra do manual por que estudávamos, incutiu em alguns de nós o gosto pelo estudo nomeadamente da disciplina de História. Sempre alegre no ensino, soube aliar à competência a sabedoria e transmiti-la aos seus alunos.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo - Godim 1955

Pedido de desculpas

A todos os nossos leitores e associados pedimos desculpa pelo atraso no despacho e receção do Boletim do trimestre anterior, bem contra a vontade de toda a equipa de redação, e que ficou a dever-se à quantidade insuficiente da matéria prima para a tiragem do UNIASES nº 192 na altura certa (final de dezembro de 2018)

Correspondência extemporânea

Entrados já no Novo Ano, chegou-nos correspondência "natalícia". A todos agradecemos e retribuímos votos de Boas Festas. Os que se fizeram acompanhar por pagamento de quotas, o Tesoureiro agradece e não os esquecerá na rubrica dos movimentos de Tesouraria.

De momento, me lembro do João Nascimento Ramos (G48) e Feliciano Silva (G54), se mais alguém houve, as minhas sinceras desculpas.

BEIRA - Moçambique

Todos temos conhecimento da tragédia que se abateu sobre Moçambique, com particular incidência na zona Centro (Beira). Maior parece ser esse "tsunami" de solidariedade que procura debelar ou ser refrigério para os seus habitantes que tudo perderam.

Muitos apelos à solidariedade têm sido feitos... Não ficamos indiferentes. Entre nós corre uma campanha de angariação de fundos, que está a seguir os seus trâmites; espera-se um maior contributo de quem, entre os AA, possa cooperar.

Ângelo Pereira Sarmiento GG37

Estranhávamos já o silêncio prolongado de um companheiro da primeira hora e sempre na linha da frente. Como ele, outros seus condiscípulos mantiveram de pé a chama da UNIÃO dos ASES não se esquivando aos compromissos assumidos enquanto membro da nossa associação de Antigos Alunos.

Agradecemos o cheque enviado e, tal como é seu desejo, reparti-lo-emos por

quotas e ajuda para uma Bolsa de estudos. Obrigado!

P. João da Costa Rego G47

Sempre bem-vindo independentemente de a saúde não permitir um encontro presencial nos nossos convívios. Não tenho condições suficientes para participar na UNIASES... independentemente de tudo isso está sempre na linha da frente, com o apoio material, sempre com as quotas em dia. A migalha, como diz, contribui para alimento das atividades associativas e serenidade nos movimentos de Tesouraria. Gratos pelo contributo e pelo gesto altruísta, merecedor do nosso respeito.

José Cândido Gomes Ferraz G54

Escreve a dizer que alguns dos Antigos Alunos (ASES) estiveram presentes no Fraião por ocasião das exéquias em memória do P. Óscar Guedes, cujo féretro seguiria no final em cortejo fúnebre para a sua terra natal: Penajóia.

Referência para António Galvão (G70), João Costa Ferreira (V58), Francisco Gonçalves (V69), José Costa Machado (G64), Ribeiro Soares (G65), João Lima (V64), Guilherme Castilho (V63) e outros mais de cujos nomes não me recordo.

Uma representação condigna em representação dos Antigos Alunos Espiritanos. A todos, os nossos agradecimentos pela presença na despedida ao professor carismático de História.

Francisco da Cunha Pinto V56

Comunicou-nos que iria ser hospitalizado para colocação duma prótese à anca esquerda. Andamos todos com as nossas mazelas...

Como não recebemos notícias em contrário, suponho que tudo correu bem e que já está pronto para enfrentar novos desafios da vida. Os nossos votos de rápidas melhoras. A Tesouraria espera por ti.

Mazelas... quem as não tem?! A idade é culpada de muita coisa; um dia darei conta duma relação do estado de saúde (débil) de antigos alunos de que tenho conhecimento.

Até lá, amparemo-nos na esperança

Manuel Martins Barbosa V56

Recebi com muito agrado o Boletim n.º 192 que me fez recordar com satisfação o quanto foi importante ter pertencido à grande família Espiritana. Por isso a minha gratidão aos que se dedicam em manter vivos esses princípios através do Boletim.

Ainda que tal nos custe... (gostaríamos de ver uma ampla colaboração dos Antigos Alunos), nada que agradecer; folgamos em saber que te agrada a receção/leitura do nosso UNIASES, assumimos esse princípio de fazê-lo chegar a todos quantos passaram a ombreira das portas de entrada numa das casas de formação espiritana, família a que continuamos a pertencer.

Jorge Domingos Dias Andrade V65

Recebi o boletim n.º 192 da União dos ASES. Obrigado. A edição em papel está boa, para mim. Eu não tenho internet na casa aonde moro.

Assumimos os nossos compromissos, não queremos os nossos associados contrariados, embora nos fosse mais vantajoso o contacto pela via eletrónica: mais rápido e a qualquer ignoto ponto do mundo chegaríamos. Não te ficaria mal, bem pelo contrário, a aquisição de uma ferramenta que te possibilite o acesso à Internet; estamos na era do digital. Pensa nisso, para uma rápida e maior abrangência dos teus conhecimentos e do mundo que te rodeia.

Com um certo ar de amargura, refere nunca ter visto no UNASES anunciadas "celebrativamente" reuniões – encontros dos que foram expulsos dos seminários do Espírito Santo. Relata que foi expulso irrevogavelmente em maio de 1969, ocorrendo no

O ESPÍRITO SANTO E EU (continuação do nº 192)

Boanerges F. Borges
Godim 1947

...NUNCA DIGAS ADEUS

Penso que toda a gente encarava a vida de Prefeito como uma atividade temporária, um interregno para fazer o tal curso, uma paragem para saltar para outro emprego que permitisse uma carreira mais aliciante. Assim aconteceu comigo. Ao ser chamado para cumprir o serviço militar obrigatório, primeiro na Póvoa de Varzim, depois em Lisboa, a seguir no Porto e novamente Lisboa, onde achei que tinha chegado o momento de tentar dar o salto. Inscrevi-me e fiz exames psicotécnicos para a CUF, sendo convidado a ingressar na Companhia de Seguros Império, pouco tempo após a saída da tropa.

Nos seguros, fiz uma carreira de que não me envergonho e cheguei a desempenhar as mais altas funções dentro da atividade, mesmo sem a tal licenciatura que a minha preguiça confessa e falta de visão não permitiram que tirasse. Durante este tempo, quase uma vida, mantive-me afastado da Igreja e da congregação do Espírito Santo, perdendo totalmente o contacto fosse com quem fosse. Não me movia qualquer sentimento de revolta ou de vingança, nem sequer de aversão, apesar de o meu pensamento sobre Deus e o papel das religiões na vida dos povos ter sofrido uma reviravolta completa. Em relação à congregação do Espírito Santo, sempre mantive um forte sentimento de gratidão, pela educação que me proporcionou, sem a qual nunca teria chegado onde cheguei.

Aí por meados da década de oitenta do século passado, a minha irmã, que continuava a viver lá na santa terrinha, informou-me de que eu devia estar a ser procurado por um antigo colega do seminário a quem tinha dado o meu endereço de Lisboa. Era o Diamantino Santos Oliveira, com quem me encontrei algumas vezes e me informou sobre a existência dos ASES e de vários

colegas que se encontravam com regularidade na região de Lisboa.

Nessa altura, eu fazia parte do Conselho de Gestão da Companhia de Seguros Fidelidade, cuja sede era no Largo do Corpo Santo. Um belo dia, a secretária veio informar-me de que estava lá um senhor preto, de nome Furtado, que desejava falar comigo. Na dúvida de ser ou não ser o Furtado que conhecia de outros tempos, mandei-o entrar. E era mesmo ele.

Um grande abraço a selar o reencontro, dois dedos de conversa e o pedido de um pequeno favor, que a Companhia até tinha vantagem em satisfazer. Mais um abraço de despedida, com o compromisso de encontros futuros concretizados em almoços com vários ex-colegas, os célebres ASES.

E comecei a comparecer a um ou outro encontro e aos almoços que passaram a ser realizados às primeiras sextas feiras de cada mês, com um interregno durante o período de férias. Para estes almoços tem sido escolhido um restaurante que tenha fácil acesso e boa comida e por lá vamos ficando até surgir um problema qualquer, ou a inevitável saturação. A última escolha já dura há bastantes anos e foi liderada por um AS já falecido que tinha um primo proprietário de vários restaurantes. Começámos no Maracanã e quando surgiu a tal saturação, passámos para a Namur, da mesma organização, onde parece que já estamos há demasiado tempo.

A vida deste grupo tem sofrido muitas outras mudanças, para além da simples alteração do ponto de encontro: - os componentes do grupo, as lideranças, as adesões, os abandonos, a adesão de cônjuges, as motivações individuais subjacentes à presença e à ausência, a busca de objetivos que justifiquem a sua existência e o envelhecimento

Quando olho para trás, fico espantado de esta reaproximação se ter iniciado

há perto de trinta anos. Parecia-me que tinha sido ontem. Embora não esteja completamente seguro, entendo que devo interpretar este sentimento como sinal de satisfação, porque quando o fardo é pesado, o tempo e a distância parecem nunca mais acabar.

Noto com agrado, que ninguém do grupo é convidado a revelar a sua fé, a manifestar a sua coloração política ou as suas preferências clubísticas. As opiniões são livres e escutadas civilizadamente, com respeito. As brincadeiras não passam disso e não encontro nelas a intenção de ofender ou amesquinhar. Diria que, de uma forma geral, o ambiente é leve e agradável. Reconheço que nenhum elemento do grupo ficará ansiosamente a aguardar o dia do próximo encontro e, se não houvesse o Esaú a avivar as memórias e espezitar o entusiasmo, o número de participantes seria seguramente menor. Mas também estou convencido de que os participantes, no final do encontro, darão por bem empregue o tempo e o dinheiro despendidos e sairão satisfeitos com o quinhão de afeto e de carinho que retiraram do convívio. Admito que esteja errado, mas este é o meu sentimento.

E foi assim, por veredas ínvias, que voltei ao contacto com a congregação do Espírito Santo.

À medida que vamos avançando na idade e a concomitante esperança de vida se encurta, parece que acentuamos a valorização dos pequenos atos, com forte carga afetiva, talvez por sentirmos, também, que a realização de grandes feitos ou a participação em projetos de vulto nos escapa mais e mais, a cada dia que passa.

Por isso, enquanto puder e me apetecer, jogo nos ASES e em todos os afins a que pertenço e me acolhem.

FIM.

Lisboa, 24-05-2012

Nota da Equipa Redatorial:

Os nossos agradecimentos pela descrição dos tempos vividos pelo autor, na primeira pessoa, nos seminários da Congregação do Espírito Santo, nos anos de 40 e 50 do séc. passado, onde nos revemos na saga descrita, não len-dária mas palpável e verdadeira por que

passou uma grande parte dos AA até ao momento do abandono de um sonho de juventude desfeito, o de aspirar a uma vida sacerdotal/missionária no "Espírito Santo".

Ainda hoje, o seu autor (Boanerges), mantém a mesma postura de amigo

incondicional entre amigos, cultivando a amizade desinteressada entre seus pares, bem evidente nos encontros que se vão realizando entre os Antigos Alunos do Espírito Santo, nomeadamente na zona da Grande Lisboa.

O nosso muito obrigado

MAAES - A PALAVRA DE DEUS

P. Eurico Azevedo - Godim 1943

PERSCRUTAR DEUS NO TUDO DE TODA A VIDA E, COM A VIDA, CORRESPONDER-LHE, É A ÚNICA ORAÇÃO CRISTÃ

Antes de mais, pretendo manter acesa a chama do Amor que alumiu as equipas com quem, ao longo da sua vida, apostolicamente, se empenhou em irradiar o Evangelho no meio em que o Senhor o colocara.

Na Igreja nada nasce da recitação, da lucubração pessoal ou da sujeição a mandamentos de Deus ou da igreja, mas tudo, da resposta amorosa ao Amor que nos convida para a comunhão com Ele, no tempo e na eternidade.

O Vaticano II, o concílio da Igreja e da Sagrada Escritura, ensina que rezar não é recitar orações, mas pela graça de Deus, perscrutar Deus no coração da vida e da Sagrada Escritura, para Lhe corresponder, com amor, alegria e disponibilidade total e incondicional: «A Igreja sempre venerou a sagrada Escritura como venerou o Corpo do Senhor. Por isso preocupa-se tanto em tomar o pão da Palavra de Deus como o Corpo de Cristo (...). A Sagrada Escritura comunica a Palavra do próprio Deus, fazendo ressoar nas palavras dos profetas e dos apóstolos a voz do Espírito Santo. Por isso toda a pregação e toda a religião cristã têm de ser alimentadas e orientadas pela Sagrada Escritura, palavra viva e eficaz (Dei Verbum, - DV21). É imprescindível que a Sagrada Escritura esteja sempre à disposição dos Fiéis.

Mas a Sagrada Escritura não são os livros nem as letras de que se compõe, mas a orientação amorosa de Deus de que são veículo. Esforçar-se por ajudar o

leitor a atingir essa orientação é a finalidade deste trabalho.

Todos diferentes, todos iguais, os autores dos livros sagrados, cada um, ao escrever, reflete o seu temperamento, a sua cultura, as suas lacunas e o seu ambiente de vida, mas, cada um à sua maneira, todos transmitem o plano de Deus, para o seu mundo e para o seu tempo. Diversidade, na unidade, diversidade que, só contextualizada no tudo de todos os livros da Bíblia, toma o autêntico sentido.

É por isso que a *Dei Verbum*, - DV11- ensina que, na Sagrada Escritura, Deus “fala aos homens, por meio de homens e à maneira dos homens” e, portanto, para a compreender, é fundamental descobrir o seu género literário, enquadrá-la nos costumes e no grau de evolução do meio em que se escreveu, e estrinçar se usa linguagem denotativa ou conotativa. E, por outro lado, lembrar-se de que Deus fala à maneira e no grau científico das pessoas que deseja salvar, pois não é catedrático, mas pai amoroso que fala com os seus filhos na linguagem deles, «propter nos et propter nostram salutem».

Uma Igreja que não falasse com os homens na linguagem deles e não deixasse os homens falar com Deus como querem e sabem, não teria sido nem nunca viria a ser a Igreja de Jesus. Toda a razão do meu trabalho é ajudar a nossa Igreja, onde quer que esteja e com quem quer que esteja, a ser a «Luz dos Povos», *Lumen Gentium*.

Com a coleção «A PALAVRA DE DEUS», foram já publicados os seguintes volumes:

REZAR COM
S. MATEUS
Abril de 2017



REZAR COM
S. MARCOS
Janeiro de 2018



A ANTIGA E
ETERNA ALIANÇA
Julho de 2018



REZAR COM
S. LUCAS
Outubro de 2018



OUTRAS PUBLICAÇÕES



Editora MAAES
CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

EXTRATO 13

Saldo anterior (Uniases 192)

2.184,87 €

Data	Descrição	Valor €	Data	Descrição	Valor €
	Pensar	8,00 €	31-03-2019	Distribuição 1º Trim. 2019	92,00 €
	Amar	13,00 €	31-03-2019	Saldo MAAES na conta ASES	2.276,87 €
	Falar	13,00 €			
	Plenitude	18,00 €			
	Semeando Vida	40,00 €			
		92,00 €	31-03-2019	S.Mateus-S.Marcos-S.Lucas-Eterna Aliança	110,00 €

CEPAC

LUSOFONIAS

THE WINNER IS...PORTUGAL!

P. Tony Neves

Habituaamo-nos a esta expressão em língua inglesa. Após a sua proclamação solene, vêm os nomes. Sim, na atribuição de galardões, medalhas, globos ou bolas de ouro, primeiro ouvimos: 'e o vencedor é...!', há uma pausa de grande silêncio, ouve-se um nome...e a festa acontece! Ora, assim aconteceu no Panamá. Não com muita surpresa, porque já todos o sabíamos, graças a uma fuga de informação. Mas foi muito bom ouvir o Papa Francisco a proclamar, perante tantas centenas de milhares de jovens, que Lisboa foi o local escolhido para acolher as Jornadas Mundiais da Juventude em 2022. E houve festa, com muitas palmas e bandeiras portuguesas a acenar.

Ganhamos no Panamá, não uma medalha olímpica, mas uma enorme responsabilidade. É verdade que fizemos por isso, mas a escolha de Lisboa vai dar-nos uma grande dor de cabeça! Claro que Portugal assume esta nomeação como uma Missão e, desta forma, tudo se vai simplificar, porque ninguém vai trabalhar sozinho nem por conta própria. Todos esperamos muita inspiração do Espírito e muito espírito de grupo. Já vão longe os tempos em que no Departamento Nacional da Pastoral Juvenil, a que pertenci largos anos, se come-

çou a falar desta possibilidade. O relógio não parou e as hipóteses pareciam ser cada vez mais remotas, dada a dimensão do nosso país, em comparação com os países e cidades que acolheram as últimas edições. Desde que eu iniciei funções de coordenador nacional dos Jovens Sem Fronteiras, realizaram-se JMJ em França (1997), na Itália, no Canadá, na Alemanha, na Austrália, em Espanha, no Brasil, na Polónia e, agora, no Panamá. O papa João Paulo II foi quem teve a intuição e as JMJ foram ganhando na Igreja e no mundo direito de cidadania. A Igreja, desde há muito, tomou mais ou menos a sério a convicção do Papa polaco: 'A Igreja só será jovem quando os jovens foram Igreja!'. Acho que não há muito para discutir... é óbvio! E agora? Mãos à obra! Só de mãos dadas (a trabalhar em equipa) e de mãos juntas (a rezar, confiando na inspiração de Espírito) podemos levar esta barca a bom porto. E vamos chegar lá! Todos somos poucos para que este projeto ganhe forma e ganhe vida. A Mãe de Fátima já foi ao Panamá e também vai apoiar quando 'jogarmos em casa'. Organizar as JMJ em Portugal e acolher tantos milhares de jovens vai virar-nos do avesso, obrigar-nos a tirar as mãos



dos bolsos e a abrir portas. Estou mais que convencido (e para tal basta que avalie o quanto ganhei nas JMJ em que participei!) de que, em 2022, Portugal, a Igreja e os jovens vão ficar todos muito mais ricos.

Feliz providência (alguns chamarão a isto 'coincidência') é o facto desta decisão ser tomada e publicada quando Portugal vive, com intensidade, um Ano Missionário. Se há Missão urgente hoje em Portugal é a do Planeta Jovem. A longa preparação que as JMJ exigem vai reconfigurar o Portugal católico e acolhedor. Acredito que muitas famílias, mesmo não católicas (como aconteceu com as comunidades islâmicas e judaicas no Panamá), vão acolher e apoiar este grande evento.

'2022' começa hoje... e tem mesmo que começar hoje porque, como canta Pedro Abrunhosa, 'amanhã é sempre tarde demais'!

LUSOFONIAS II

CARITAS...SEMPRE!

P. Tony Neves

Estava eu no Huambo, um ano e tal depois da grande Batalha dos 55 dias que arrasou a cidade, quando tive uma visita inesperada. Era um responsável de uma organização humanitária internacional de grande prestígio. Conversamos muito sobre a dramática situação do povo e, lá quase no fim de uma conversa muito frontal, ele disparou: 'Não sou crente, mas tenho de reconhecer: 'aqui, no Huambo, quem faz trabalho humanitário a sério é a Caritas! Nós somos todos aves de arribação!'. Achei piada à expressão, mas fiquei honrado com esta partilha. E, vendo ele o meu espanto estampado no rosto, explicou: 'a Caritas estava antes da guerra, esteve durante a guerra e vai ficar depois da



guerra. É liderada por gente de cá que conhece como ninguém a situação real do povo e sabe como intervir. Nós chegamos agora, tivemos de montar uma grande máquina, não conhecemos o terreno, passa-nos ao lado a cultura do

povo, vamos intervir e, depois, fazemos as malas e regressamos a casa'.

Ao longo da minha já vasta experiência missionária tenho refletido muito sobre esta conversa. É fundamental 'jogar em casa', perceber a alma de um povo, nada fazer sem o envolver e, sobretudo, há que dar continuidade a todos os projetos, em todas as fases. Ora, tal como aconteceu no Huambo, vai acontecendo assim em todo o mundo onde a Caritas intervém. O espaço lusófono não é exceção.

Tudo isto a propósito do Dia da Caritas que, em Portugal, se celebra a 24 de março. A opção pelos pobres obriga a institucionalizar o exercício da caridade. Esta tem que ser cada vez mais um

procedimento de continuidade e não apenas reservada a intervenções pontuais. Tem de ser algo a olhar para dentro, sem nunca esquecer os outros que estão fora do arco da nossa geografia. E, a este título, a Caritas portuguesa tem sido notável pelo apoio que vai dando, em todo o mundo, como resposta a situações que exigem intervenções de urgência, mas também apoiando projetos de desenvolvimento.

Foi escolhido um tema que é provocação. Até podemos perguntar: o que tem a ver a Caritas com o slogan 'Juntos

numa só família humana'? Acho que todos encontraremos respostas à altura da missão desta grande instituição que abrange o país inteiro, sobretudo a partir das realidades paroquiais e diocesanas. Primeiro – diz o tema – há que estar juntos, com os desafios que a comunhão lança às pessoas, comunidades e instituições. Recordo-me sempre de Claire Lispector: 'sozinho, eu vou mais rápido, mas juntos vamos mais longe'. É mesmo assim que eu compreendo o lema dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo (ASES) que diz em latim:

'triplex funiculus difficile rumpitur'...isto pode ser traduzido por 'o fio triplo é difícil de romper'. A Caritas vai mais longe e mais fundo quando fala de família, com tudo o que este conceito implica: amor, projeto de vida, preocupação por todos, ajuda mútua, partilha de alegrias e de angústias e tudo o mais que a nossa experiência familiar nos ajude a acrescentar. Celebrar o Dia da Caritas é apostar no amor como o motor da história, o gerador da fraternidade, a construção de um mundo mais humano. Apoiemos, sejamos mais 'Caritas'!

Nota da Redação:

Destacamos parte da Mensagem para a Semana Nacional da Cáritas de D. José Traquina, Bispo de Santarém e Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana:

["Sabemos por experiência que é a partir do pessoal encontro (mais imediato ou mais mediato) com o outro que podemos compreender quem somos. Essa nossa experiência permite quebrar barreiras, ultrapassar muros divisórios e, neste mundo que é a nossa casa, sabendo-nos vizinhos (por efeito da globalização), podemos tornar-nos irmãos, por exigência moral.

Formamos, na verdade, uma só família humana. Reconhecermos todos como irmãos permite interrogarmo-nos, para lá de eventuais preconceitos, sobre as reais condições de vida desta família que somos". (...)Fazendo referência ao transcrever o n.º 232 da Encíclica do Papa, Francisco, «*Laudato si'*», acrescenta: "Há que cuidar do mundo cuidando da qualidade de vida dos mais pobres. A solidariedade não pode permanecer no abstrato, se temos «consciência de habitar numa casa comum que Deus nos confiou». A missão da Cáritas é despertar para esta solidariedade no concreto, comprometidos que estamos na transformação do mundo em que vivemos para que seja, cada vez mais, uma terra de irmãos. Para que juntos vivamos verdadeiramente numa só família humana".]

A tragédia, mais do que um fenómeno devastador da natureza, que se abateu sobre Moçambique (Beira) e suas gentes, obriga-nos a repensar a nossa solidariedade, não só afetiva como efetiva, para com os pobres que habitam e partilham conosco esta casa comum, irmãos da família humana.

MEMÓRIAS DE S. MIGUEL

Jorge Andrade
Viana 1965



O Dr. Sant' Anna Dionísio (José Augusto Santana Dionísio, 1902-1991) era filósofo e não há internet na Casa do Montinho, agora a degradar-se, e ali escreveu e datou muitos dos seus escritos. Na varanda, a esposa nos servia chá com bolachas e manteiga. Hoje, indiferente, o silêncio de Deus! Livros e papéis teimam, com fidelidade canina, persistentes, pelo afago do dono e filósofo. A foto é dominical, que vizinha lhe fica a Igreja de S. Romão. O Apeadeiro de S. Miguel, outro vizinho do Senhor da Boa-Morte do Montinho, desistiu de esperar os desembarcados filósofos e seminaristas. Eram eles, o dito Dionísio e seu filho cientista nuclear; os manos Morais e Castro, filhos do Dr. Amílcar, anarquista, gente do revirinho e seareiros; os seminaristas: Saldanha, parente dos Dionísios, Rodrigues Ferreira, irmãos Dias de Andrade, etc. O pároco o Rev.do Padre Duarte Miranda, esse mesmo o do Milagre Eucarístico (Santa Maria de Moure); que, também, o decano dos presbitérios da diocese e meu parente, reverendo Abade Manuel Vieira Gonçalves.

A degradação da Residência de São Romão pede meças com a do Monti-

nho. Todavia, a Casa de Pinalvau, meeira de S. Romão e S. Miguel - hoje e já no tombo de meados do século XIV - resiste à sucessão geracional, que, solteiras e beatas, as irmãs Guerra doaram ao Rev. Padre Domingos Gomes Coura, tio-avô de minha mãe, ali nascida na casa meeira, sem esquecerem beatificamente de primeiro vincular um campo como bens de alma - esquecidos andam os sufrágios e a pedra-tumular revirada, na ostentação de novos nomes familiares. As beatas Guerra não tinham que duvidar da fidelidade religiosa, pois se o Padre Coura era sobrinho do Reverendo Pároco de Forjães, Esposende, Padre Domingos Vaz de Almeida, filho de meu penta-avô e irmão de minha teta-avó, religiosamente educados nas catequeses de S. Salvador de Cervães, Vila Verde e de Santa Leocádia de Oliveira, Barcelos, aonde as naturalidades e seus batismos. O tempo anda avesso a vocações, mas a Confraria das Almas vale ela aos sufrágios ainda.

Escandaloso é ver e ouvir na televisão, no A Fé dos Homens, os 300 jovens portugueses nas Jornadas Mundiais da Juventude do Panamá cantarem em uníssono hino "Às armas, às armas... Contra os canhões marchar, marchar", quando de cristãos e após o 25 de ABRIL era dever ser o canto "Aos cravos, às rosas... Contra os canhões AMAR, Amar...!"

Dias de Andrade agradecido sempre aos centenários espiritanos, e boa ventura para a festa anunciada do centenário retorno.

(S. Miguel 31/1/2019)

NOTÍCIAS TRISTES ...



P. Óscar de Moura Guedes

Nasceu a 4 de junho de 1928, em Penajóia/Lamego, tendo iniciado os seus estudos preparatórios para a vida missionária, no Seminário da Guarda-Gare em 1939.

Em 1947-48 fez o Noviciado e a Profissão Religiosa no Seminário da Silva. Foi ordenado Sacerdote em Perre, Viana do Castelo, a 28 de Agosto de 1952.

Na Torre d'Aguilha, a 5 de julho de 1953, fez a Consagração ao Apostolado, abraçando a Missão como professor de Português, História e Geografia, desde 1953 até 1973, nos Seminários de Fraião e Viana do Castelo, tendo-se notabilizado pela sua entrega, competência e saber no ensino da História dos Cursos Geral e Complementar dos Liceus. À docência no Seminário juntava o apostolado e a pregação nas paróquias que o solicitavam.

Em outubro de 1973 é enviado para Angola para o Colégio do

Espírito Santo em Nova Lisboa (hoje Huambo), onde foi professor e diretor. Com a independência de Angola em 11 de novembro de 1975, regressou a Portugal, assumindo o cargo de professor, desde 1975, e superior no Seminário de Fraião desde 1985 e 1996.

Em 1982, o Ministério da Educação Nacional concedeu-lhe o diploma em História. Em 1986, foi Conselheiro Provincial e delegado a dois capítulos provinciais. Enquanto esteve no Seminário de Fraião, assumiu a capelania do Sameiro durante 13 anos, de 1988 a 2001.

O Seminário do Fraião, de 2008 a 2019, seria a sua casa até ao momento do chamamento de Deus; encontrava-se no Lar Anima Una, no dia 26 de fevereiro de 2019, contando à data 90 anos de idade, nunca descurando a alegria, disponibilidade, oração e fé junto do seu semelhante. Presença assídua nas Magnas dos ASES, sempre que estas se realizavam no Fraião.

Foi a sepultar no cemitério de Penajóia/Lamego, sua terra natal.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor o acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASSES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 2365 – José Joaquim Prazeres Teixeira

Natural de Ermesinde/Valongo onde nasceu em 22 de outubro de 1940, faleceu a 19 de outubro de 2017 com 76 anos; Era residente em Mafamude/V. N. de Gaia. Do Curso de 1952/53, em Godim

AS 1225 – José Joaquim Martins Marques

Natural de Aborim-Tamel/Barcelos onde nasceu em 26 de Fevereiro de 1962 e residente em Aqualva/Cacém, faleceu a 9 de Maio de 2018, com 56 anos. Do Curso de 1973/74, em Viana do Castelo

AS 843 – Guilherme Augusto Pires de Sousa

Natural de Folgoso/Gouveia, faleceu, com 95 anos, a 11 de Outubro de 2018, no Hospital Dr. Sousa Martins/Guarda, onde se encontrava internado.

Entre nós, conhecido por Professor Guilherme e assim gostava de ser chamado e lembrado. Grande entusiasta da União dos ASES, presença assídua nos eventos promovidos pelo Núcleo das Beiras de que foi um dos seus fundadores. Foi a sepultar no Cemitério de Folgoso. Do Curso de 1938/39, na Guarda Gare.

AS 3106 – Luís Tadeu da Sila Dutra

Natural de Terra Chão-Angra do Heroísmo/Açores, onde nas-

ceu a 12 de Maio de 1957, faleceu a 4 de Novembro de 2018, aos 61 anos. Do Curso de 1968/69, em Viana do Castelo.

AS 1696 – Mário Cristóvão Cardoso

Natural de Freineda/Almeida e residente em Aqualva/Cacém faleceu a 11 de Janeiro de 2019, com 87 anos. Em vida serviu nos quadros da P.J. Do Curso de 1942/43, em Godim.

AS 892 – Jaime Araújo Soares

Natural de Pico de Regalados/Vila Verde onde nasceu a 12 de fevereiro de 1936, faleceu com 82 anos, a 22 de Janeiro de 2019, no Hospital de S.º António (Porto), onde se encontrava internado. Foi a sepultar no Cemitério (novo) de S. Pedro da Cova. Do curso de 1949/50 no Fraião, onde ingressou no 3ºano de então, mas conotado e sempre associado aos condiscipulos do Curso de 1947/48 em Godim.

M. de Fátima Eugénia Corrêa da Silva Albuquerque e Montalvão

Completaria 78 anos a 12 de Maio, mas o Senhor da Vida chamou-a em 10 de março de 2019. As exéquias foram celebradas na Igreja de Cristo Rei na Portela de Sacavém. Era esposa de João Manuel Montalvão Martins, do Curso de Godim em 1948/49, nosso companheiro nos bons e menos bons momentos da delegação de Lisboa.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

OS ASES DAS TÁVOLAS REDONDAS

J. Azevedo - Godim 1955

Tive o privilégio, em tempo de advento, de ser convocado pelo nosso Presidente para uma reunião de reflexão de ASES em távolas redondas no antigo palácio da Ordem de Malta, à Rua de S. José, em Lisboa.

A boa nova da convocatória anunciava, em primeiro lugar, que desta vez iria com certeza encontrar nas távolas material comestível e material bebível de primeira qualidade e, em segundo lugar, que a maioria de ASES ilustres iria comparecer.

As távolas redondas, justamente por serem redondas, não

têm cabeceira. Todos os ASES estão em pé de igualdade. E a comida é igual para todos. O assento do Presidente nas távolas redondas não se diferencia dos demais assentos e a comida que lhe é servida é igual à que é servida aos demais.

São importantes as reflexões produzidas nas távolas redondas, diferentes de mesa para mesa por diferentes os temas versados; umas mais que outras, naturalmente. À guisa de exemplo, atente-se no seguinte:

Um ilustre AS, na távola redonda onde me sentava, lançou

para a mesa a reflexão de que, no seu entender, o último presidente da república falecido deveria ser trasladado para o panteão nacional, traduzindo esse facto o justo reconhecimento nacional pela sua ação política.

Houve logo quem discordasse, sublinhando o facto de se tratar de um presidente laico e republicano que, ainda por cima, quando era estudante, tinha a distinta lata de ir de mercedes para a Faculdade, quando a sua casa distava apenas uns meros duzentos metros. E que mérito tem um presidente que viveu em França uns bons pares de anos e nem francês falava corretamente?!

Quando os meus pais me deram para adoção e fui internado na confraria, repliquei eu, também me foi prometido que teria uma promoção social e um futuro garantido, ou seja, que o meu destino era ser padre. A concessão de honrarias, sejam em vida, sejam post mortem, dependem de muitas realidades e as realidades são multifacetadas e pluridimensionais. O mérito é muito relativo.

O meu destino, disse um outro AS, ficou marcado por uma confissão de dois pecados mortais: um, numa noite de muito frio, confessei que dormira com as mãos por dentro da roupa da cama e não mantivera, por obra do demónio, a pureza da carne; o outro foi de, durante um banho de água fria, privilegiara uma pequena parte do corpo que não devia. Apesar dos pecados terem sido cometidos sozinho, não me livraram da sentença de expulsão da confraria algum tempo mais tarde. Mas olha que eu conheci um confessor que nessa matéria tinha muito que confessar!

- disse outro AS. Mas... isso agora não tem importância nenhuma, foi a opinião maioritária. Nem o tema tem que vir escalpelizado no jornal. O que lá vai lá vai. O que importa realçar, concluí, é que nós, filhos das ervas, não fomos padres, mas servimos a tropa como oficiais. Em suma, fomos amigos, somos amigos e vamos continuar a fazer reflexões nas távolas redondas. Necessário é que o Presidente continue a fazer as convocatórias.

CANTINHO DA POESIA

SERVIR

(Agosto de 2015)

passou a vida ao serviço dos demais
do próximo ou do distante
do indivíduo ou da multidão
de quem tinha pouco ou muito mais do
que ele
o seu lema era servir sem ver a quem

quanto a servir-se
servia-se apenas à mesa
o suficiente para manter o vigor
e poder continuar a servir os outros

também se servia de algum descanso
pelos mesmos motivos
servia-se ainda do sol e da chuva
das amoras nos valados
dos trilhos dos bosques e das montanhas
dos miradouros para o indizível
da secreta companhia das estrelas
de tudo quanto é naturalmente de
todos

um dia de repente deixou de servir
e como nem sequer conseguia mexer-se
recebeu a recompensa que nunca
reivindicara:
ficou ali mesmo transformado
em estátua jacente.

Anthero Monteiro
Viana 1956

MEU PORTUGAL DISTORCIDO

Agarrei numa folha de papel
E desenhei-te como te sonhei:
Honesto, altivo e à tua história fiel;
Partidário da ordem e da lei;

Vendo na liberdade a flor do mel;
Acima do sujeito pondo a grei;
Concedendo ao trabalho esse laurel
Que para os vencedores tem o rei;

Chão de justiça e solidariedade,
Onde o exemplo dimana das chefias,
Que não pedem apenas regalias.

Meu Portugal, eu te amo de verdade!
Mas, quando te analiso e me detenho,
Não te reconheço, ai, no meu des-
senho!

António Luís Pinto da Costa
Godim 1956

PASSOS DO ADEUS

(Março 2019)

Ah quando de repente
me atiram à água,
tal como a uma flor se atira,
já não cheira nem chora,
já não ri, somente cora.
A graça, o perfume que tinha,
pouco mais é agora
que a de bravia rosa, que definha
e no abandono se demora:
calada boca, colada fôra
à tona dessa água que não evapora.

POESIA AO NATURAL

(Março de 2015)

escoou-se a manhã
do alto da eternidade
o sol riu-se de mim que meço o tempo
fez murchar as horas
e não floriu em mim um só poema

entretanto
mal o sol rompera
desabrochou uma corola
no vaso da varanda
sub-reptícias mais outra
e outra
e outra

e muito antes da primeira meia-hora
já a flor tinha escrito um poema
inimitável

Anthero Monteiro
Viana 1956

Pois que à água me atiram,
por um tudo nada qualquer,
pedra a pedra será ainda
furtivo gesto de estima,
rasgo por certo senão espuma,
para uma flor que já não rima.
Dormentes como grãos de tristeza,
hesitantes até em arder,
ficam assim as mãos, umas
a dizer adeus distantes quanto
outras atidas a nada dizer.

Armando Ferreira Vilhena da Silva
Viana 1962

ESTANTE

21 LIÇÕES PARA O SÉCULO XXI

Joaquim Moreira - Silva 1955



A última consoada, em casa de familiar chegado, trouxe-me uma agradável surpresa, a filha do arquitriclino, jovem universitária, agarrada a um livro de Yuval Noah Harari, “SAPIENS: História Breve da Humanidade” (2013), primeiro de uma trilogia do Autor sobre a história e o destino do homem. O segundo seria “HOMO DEUS: História Breve do Amanhã” (2017). O terceiro é aquele que ocupa a presente Estante, de 2018.

Instintivamente fiel a uma ideia antiga segundo a qual, ao abrir (a Bíblia) ao acaso, Deus sempre diz qualquer coisa que muito nos interessa, ao acaso abri as 21 lições e calhou a página 271 desta primeira edição. E porque este e os outros livros do Autor, e de muitos outros Autores, são uma tentativa de resposta para os sempre atribulados tempos de viragem como os que vivemos, questões de civilização diria a outra a respeito das touradas, ali encontrei logo matéria mais que suficiente para o pouco que aqui posso dizer sobre problemática tão vasta e tão complexa.

Em perigosos tempos do chamado pós-verdade, *fake news*, para melhor se entender, vem Yuval Harari lembrar que “Na realidade, os seres humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo Sapiens* é uma espécie do pós-verdade, cujo poder depende da criação de ficções e da crença nelas”. E o mundo lá seguiu o seu caminho porque “Desde que todos acreditem nas mesmas ficções, todos obedecem às mesmas ordens e, portanto, conseguem cooperar eficazmente”. Quer dizer, as coisas são hoje assim como po-

diam ter sido assado e amanhã cozido ou frito. Não adianta culpar o Facebook, o Trump ou o Putin por estarem a abrir o mundo a uma era nova e assustadora porque isso até não será propriamente inédito. O Autor lembra, por exemplo, que “há muitos séculos os cristãos fecharam-se a si próprios numa bolha mitológica de autofortalecimento, sem nunca se atreverem a questionar a veracidade factual da Bíblia, ao passo que milhões de muçulmanos depositaram a sua fé inquestionável no Alcorão.” E assim se moldaria toda uma civilização dita ocidental e durante milénios, as grandes notícias ou factos da nossa História foram sobretudo histórias de milagres, de anjos, de santos, de demónios, de bruxas, de infernos, de papas, de evas e serpentes tentadoras, e quejandas realidades de um submundo tornado incontornável e único, o nosso, sem esquecer que nós, portugueses, até demos novos mundos ao mundo, quer dizer, impusemos o nosso mundo ao outro mundo, porque o nosso é que era (o) melhor.

O Autor sente que corre perigos ao colocar religiões ao nível de ficções e notícias falsas tornadas realidade. Mas ele é um professor e a sua honestidade intelectual de historiador e analista obriga-o a correr o perigo: “Quando mil pessoas acreditam numa história inventada durante um mês, chamamos-lhe *fake news*. Quando mil milhões de pessoas acreditam nisso há mil anos, dizemos que isso é uma religião e é-nos dito que não devemos chamar-lhe *notícias falsas* para não ferir os sentimentos dos crentes (ou despertar a sua ira).” Até parece uma fixação esta coisa de andar sempre a mexer com a religião, uma coisa tão antiga como o homem... Yuval Harari, porém, não é propriamente um iconoclasta inconsciente e aceita, não as bases mas certos bons resultados, “a

eficácia e a potencial benignidade da religião. Para o melhor e para o pior, a ficção conta-se entre as ferramentas mais eficazes do estojo de ferramentas da Humanidade”. Quer dizer, é este o mundo que temos e não é boa ideia pensar em destruí-lo, antes aproveitá-lo e obviamente, muito muito lentamente, melhorá-lo. Aqui vem a propósito a luta travada pelo Azevedo Gomes contra falsos cristianismos, a História fará um dia uma mais justa avaliação do bem e do mal que as religiões fizeram ao mundo, mesmo que o saldo se venha a revelar negativo.

Estas “21 Lições para o Século XXI” são de leitura fascinante, tal a clareza e a franqueza, a coragem, o rigor analítico e a ponderação, tudo embalado em simpatia e vontade de contribuir para um acrescentado esclarecimento, um professor no melhor sentido. Só que os verdadeiros professores de história, como os de humanidades, como os ensaístas, como os literatos, os poetas em particular, são uns pândegos, simpáticos e impossíveis ao mesmo tempo, uns chatos, têm razão, mas são uns chatos. Chateiam sobretudo porque o que é preciso é tranquilidade e paz. Contava o Matos Vitorino que, no tempo em que da Aguilha e arredores saíam abaixo assinados contra a situação colonial da igreja portuguesa, havia um missionário no activo que comentava a situação mais ou menos assim “*pois, vocês têm razão, mas não convém mexer no assunto*”...

Yuval Harari mais não quer que abrir caminhos, a alunos e leitores, num mundo carregado de tremendas interrogações, mas sem esquecer afinal que “sete mil milhões de pessoas têm sete mil milhões de objectivos diferentes”. Apetece-me dizer que, se não existisse, era bom inventar um Yuval Noah Harari.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A.Carvalheira-UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

ases@portugalmail.pt

Presidente:

969 690 551 / 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

CONTA N.º 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas -
Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo
ou Às n.º _____